



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

**JÚLIO CÉSAR VOLPI
MARCO ANTÔNIO VOLPI
VALMY VOLPI**

(depoimentos)

2002

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-08

Entrevistado: Júlio César Volpi; Marco Antônio Volpi; Valmy Volpi

Nascimento: Júlio César: 16/01/1942; Marco Antônio: 01/07/1943; Valmy: 12/05/1036

Local da entrevista: Residência de Júlio César Volpi – Porto Alegre/RS

Entrevistadores: Karine Dalsin e Éster Rodrigues Leão

Data da entrevista: 23/10/2002

Transcrição: Karine Dalsin e Éster Rodrigues Leão

Conferência Fidelidade: Berenice Machado Rolim

Copidesque: Silvana Vilodre Goellner

Pesquisa: Silvana Vilodre Goellner

Fitas: (02 fitas) 08/01-A, 08/01-B, 08/02-A e 08/02-B

Total de gravação: 120 minutos

Páginas Digitadas: 44

Catálogo: Vera Maria Sperangio Rangel

Número de registro: 0462/2003/01

Número de registro da fita: 0462/2003/01 a e b

Observações: A carta de cessão dos direitos autorais para o CEME foi assinada pelo Júlio César Volpi

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

VOLPI, Júlio César, VOLPI, Marco Antônio e VOLPI, Valmy. *Júlio César Volpi, Marco Antônio Volpi e Valmy Volpi (depoimentos, 2002)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2003.

Sumário

História de vida de Júlio César Volpi em relação ao vôlei: clubes pelos quais atuou, competições mais importantes, Universíade de 1963; história de vida de Valmy Volpi em relação ao vôlei: clubes, convocações, competições mais importantes, formação profissional; história de vida de Marco Antônio Volpi em relação ao vôlei: início da carreira, clubes, principais competições, convocações para a seleção brasileira, participação em Olimpíadas, outros cargo exercidos no esporte, clubes nos quais foi laureado; remuneração dos atletas; a introdução da manchete no vôlei; relato sobre treinamentos táticos e técnicos; estruturação do esporte universitário; breve comentário sobre a profissionalização do vôlei; a estruturação do vôlei feminino; restrições à mulher atleta; a situação atual do vôlei feminino em relação ao masculino; comentário sobre a estrutura financeira do esporte escolar e de rendimento; Universíade de 1963: a participação da equipe brasileira, importância do evento pra a cidade de Porto Alegre; breves considerações a cerca de competições internacionais; o relacionamento como irmãos e atletas; comentários sobre o esporte master.

Porto Alegre, 23 de outubro de 2002. Entrevista com Valmy Volpi, Júlio César Volpi e Marco Antônio Volpi, a cargo das pesquisadoras Karine Dalsin e Ester Leão, para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

K.D. - Júlio César, eu gostaria que tu nos contasses um pouco da tua história de vida e como ela se relaciona com o esporte.

J.V. - Bem, vamos começar: no início, meu envolvimento com o esporte começou na praça Pinheiro Machado, que é na Avenida Brasil com a Presidente Roosevelt¹ e também, acho que praticamente ao mesmo tempo, na Sociedade Recreativa dos Veranistas do SESC²: SORVES, que agora é o SESC.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

J.V. - Avenida Brasil que é próximo onde eu morava. Isso começou assim: pelos - sei lá - doze, treze anos que começamos a jogar. Mas isso era mais ou menos recreativo. Uns poucos anos depois houve uma... O pessoal, os companheiros de meu próprio irmão começaram a jogar na Sociedade Ginástica Navegantes-São João³, que era próximo da Presidente Roosevelt; começou a formar um time de vôlei. E já tinha a minha irmã, a Valmy, que jogava vôlei, então, começaram a jogar vôlei. Entretanto, eu comecei a ir até a Navegantes-São João, mas não comecei como jogador de vôlei no Navegantes-São João. Eu era considerado muito baixo na Navegantes São João, mas consegui jogar no time que jogava a Valmy, que era o Grêmio Náutico União⁴. Então, eu comecei a jogar no Grêmio Náutico União e aí foi evoluindo, foi começando a conquistar... Logicamente a questão do... As questões físicas: a minha estatura, que não era muito apropriada para o voleibol foi dificultando, mas eu fui conseguindo e subindo. Lembro que minha primeira participação, vamos dizer assim, em time de vôlei externo, foi nos Jogos Universitários, no estado do Espírito Santo, em Vitória⁵, em 1961. Depois, em 62, Na seleção gaúcha, quando nós

¹ Avenida e Rua da cidade de Porto Alegre

² Serviço Social do Comércio.

³ Sociedade Ginástica Navegantes-São João, fundada em 06 de junho de 1927.

⁴ Originário do Ruder-Verein Freundschaft (Sociedade de Regatas Amizade) fundado em 1906. Em 29 de abril de 1917 passa a se chamar Grêmio Náutico União.

⁵ Estado e Cidade Brasileira

fomos a Campinas, São Paulo⁶, disputar a Campeonato Brasileiro Inter-seleções, onde conseguimos o terceiro lugar: eu era reserva. Posteriormente, fomos jogar em 62, também no mês de agosto, o Campeonato Brasileiro Universitário, que foi em Santa Maria⁷, e aí, talvez, gostaram da minha atuação, que no próximo ano eu fui convocado para a seleção universitária brasileira, que disputou os Jogos Mundiais Universitários, a Universíade⁸ de 63, em Porto Alegre⁹, no qual tiramos terceiro lugar. Perdemos, como era esperado, para a União Soviética e para a Checoslováquia, mas conseguimos ganhar de Cuba, que foi uma grande realização, pois nós esperávamos mesmo essa colocação. Íamos disputar o terceiro lugar com Cuba porque naquela época não havia possibilidade de vencer a União Soviética e a Checoslováquia. Os demais concorrentes: Portugal, o Uruguai, a Argentina, isso aí nós conseguimos ganhar com certa tranqüilidade. Bom, e desde aí venho jogando: joguei no Grêmio Náutico União, fui hexa-campeão de vôlei estadual pelo Grêmio Náutico União, de 61 até 66; depois em 67, 68 e 69 perdemos o título para o Gaúcho¹⁰. Em 70 fui novamente campeão estadual pelo Grêmio Náutico União; em 71 fui campeão estadual pelo Esporte Clube Cruzeiro¹¹. E de 72 a 76, tetra campeão pela Associação Cristã de Moços¹². Em suma, essas são as participações. Logicamente, entremeadas a isso, praticamente quase todos os anos existia os Campeonatos Brasileiros Universitários em que a gente competiu bastante: fomos vice-campeões em 62, em Santa Maria; terceiro lugar em Curitiba, em 66. Então, em suma foi essa minha participação como jogador. Posteriormente, de 77 a 79, eu fui técnico de vôlei do Grêmio Náutico União e também encerrei. Ligado à questão... Eu me formei, eu tirei o curso superior de Agronomia, de 61 a 64. Posteriormente, eu tirei Educação Física na UFRGS, de 69 a 71. Porque tinha muito envolvimento com a questão de esporte. Fui técnico do União, como já disse, em 77 a 79. Fui professor da disciplina de voleibol na Escola de Educação Física no IPA¹³, na sua inauguração, de 71 até 74, e, posteriormente, em 84 até 88, eu fui diretor de voleibol do Grêmio Náutico União. Mas sempre acompanhei a questão de voleibol, então. E tenho um relacionamento muito grande

⁶ Cidade e Estado Brasileiro

⁷ Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

⁸ Jogos Mundiais Universitários, organizados pela FISU (The International University Sports Federation). A Universíade aconteceu em Porto Alegre entre os dias 30 de agosto e 09 de setembro de 1963.

⁹ Capital do Estado do Rio Grande do Sul

¹⁰ Grêmio Náutico Gaúcho, fundado em 1928.

¹¹ Fundado em 14 de julho de 1913.

¹² Associação Cristã de Moços, fundada em Porto Alegre, no dia 26 de novembro de 1901.

¹³ Instituto Porto Alegre.

com a questão do voleibol. Essa foi, vamos dizer, a minha experiência. Talvez a questão mais... Que se possa relacionar ao voleibol, que o voleibol nessa época era bem diferente do voleibol atual. Havia um intercâmbio muito grande [o entrevistado tosse e pede desculpas] das pessoas que praticavam voleibol, não só aqui no estado do Rio Grande do Sul, como dos outros estados. Praticamente as pessoas que jogavam voleibol nos clubes eram as mesmas pessoas que jogavam na seleção dos estados e nas seleções universitárias. Então, a gente tinha, assim, tinha duas, três competições por ano que a gente se encontrava nessas competições, pelo Brasil afora. Então havia um convívio, um relacionamento muito grande. E esse pessoal mesmo, que era da seleção universitária, era da seleção, também era o pessoal que era da seleção brasileira, que vestia a camiseta do Brasil nos campeonatos internacionais. Todo esse pessoal que foram os atletas, campeões e participantes da seleção brasileira a gente conviveu durante muito tempo com eles. A título de curiosidade, vamos dizer o seguinte: eu sou da mesma idade, contemporâneo, do Carlos Arthur Nuzman, que é o presidente do Comitê Olímpico. Nós somos da mesma idade, então convivemos em vários campeonatos universitários e campeonatos de seleção e, inclusive, jogamos juntos na Universidade, aqui em Porto Alegre. Junto também estava o Ary da Silva Graça Filho, que é o atual presidente da Confederação Brasileira de Vôlei. Então, havia um conhecimento muito grande desse pessoal que jogava vôlei, os atletas proeminentes do vôlei; havia bastante intercâmbio, um conhecimento, um contato bastante grande. E finalmente, vamos dizer assim, quando eu estava deixando de jogar, estava aparecendo aqui, no Rio Grande do Sul, o Renan Dal Zotto que foi, talvez, o atleta gaúcho mais conhecido por suas participações na seleção brasileira e, até, tendo ido, sendo um dos primeiros que foi jogar na Itália. Está bom isso aí, porque para início de conversa, já dá, mais ou menos, para dar o tópico da questão, para não se alongar. Podemos depois, em aspectos mais específicos, a gente dialogar aqui.

K.D. - Hoje tu fazes alguma atividade relacionada ao esporte?

J.V. - Profissionalmente não, mas eu pratico esporte, sempre: pelo menos três vezes por semana, eu jogo basquete na ACM e quando dá, aos sábados, quando eu não vou para a praia, eu jogo vôlei, também na ACM ou na SOGIPA¹⁴. A minha vinculação mais no

¹⁴ Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867. Passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre em 1942.

basquete agora é por questões de horário e de disponibilidade de horário e de turma para praticá-lo. Mas continuo praticando, não parei de praticar o exercício físico, tanto para os aspectos mentais como físicos.

K.D. - Está legal! Então passamos agora para a Valmy. Valmy, tu podes nos contar sobre a tua história de vida?

V.V. - Olha, a minha história de vida está muito relacionada com meus dois irmãos, porque eles eram meus companheiros para a gente sair de um lado para o outro. Então, está muito relacionada a eles. Também comecei a jogar voleibol na Navegantes-São João, depois fui para o Grêmio Football Porto-Alegrense¹⁵ e depois o Grêmio Náutico União. Pelo Grêmio foi dois anos e depois fechou; aí então, eu fui para o Grêmio Náutico União, onde fiquei jogando até praticamente encerrar a carreira de voleibol. Se bem que, atualmente, ainda, continuo jogando, mas é “master”; então “master” é dividido, assim, por categorias: tu começa, assim, trinta e cinco, quarenta, quarenta e cinco, cinquenta, cinquenta e cinco, sessenta e agora já está em sessenta e cinco [riso]. Então, como é difícil arrumar equipes com estas idades, a gente uniu, SOGIPA e União para conseguir estas equipes. Então, a gente joga pela SOGIPA, representa como a SOGIPA. Mas está União e SOGIPA misturado. E eu, quando comecei a jogar voleibol, aquela época tinha primeiro e segundo quadro; não tinha juvenil, como mais tarde. Então, o primeiro quadro eram as que eram as melhores; segundo quadro as que estavam começando. Eu comecei no segundo quadro, no Navegantes São-João, depois passei para o primeiro, e depois então... Em 60 e...

J.V. - 6!

V.V. - 66, que nós fomos a Belo Horizonte e eu fui convocada para a seleção brasileira. Mas antes, em 62, eu fui convocada para a seleção brasileira que nós fomos disputar o campeonato sul-americano no Chile, [ouve-se o som dos refrigerantes que os entrevistados servem] nós fomos campeãs, e depois, em 68, nós ficamos em segundo lugar, que foi em Santos o campeonato. E fomos ao Pan-Americano e, como sempre, a gente era convocada na última hora, a gente treinou *vinete* dias: vinte dias para ir ao campeonato Pan-Americano. Aí chegamos lá - ficamos como ficavam antigamente, no quarto lugar, não passava

daquilo! Sempre tinha Estados Unidos - como é - Peru e Cuba, sempre estavam brigando pelo título. Nós ficávamos no quarto lugar, conseguindo muito bem um quarto lugar. E aí, depois disso, voltei e joguei em Minas¹⁶, fui campeã mineira, fiquei lá dois anos jogando para poder acompanhar o treinamento da seleção brasileira, porque eles faziam um treinamento: fim de semana em Minas e durante a semana cada uma no seu clube, como é que eu poderia treinar no União durante a semana, os fins de semana se reunir lá? E aí tinha uma família, amiga nossa daqui, que se ofereceu em me hospedar, aí eu fiquei lá para poder treinar. Então, deram uma ajuda muito grande naquela época, que deu para ir. E no Pan-Americano, foi em 67, onde nós fomos juntos - os dois também, quer dizer, sempre acompanhada, sempre tendo os manos por perto. E atualmente nós somos campeãs: em 99, fomos campeãs mundiais “master” e, em 2000, também fomos campeãs; em 2001, ficamos em segundo lugar, perdemos para os Estados Unidos.

J.V. - Mas fala onde tu fostes como...

V.V. - Ah sim, esqueci de dizer os locais. [riso] Em 99, foi em “Utah”, na cidade de San George. Depois, em 2000, foi na Finlândia, na cidade de Tampere e a última foi em Milwaukee, nos Estados Unidos, que foi em 2001. Agora, nossas maiores glórias femininas, aqui no sul, foi nos mundiais master. Acho que... E fui treinadora de voleibol dez anos no Colégio Rosário¹⁷, chegamos a ser campeã cidadina. E durante a época que eu joguei no União também fui campeã - agora nem sei quantos anos... A gente não guarda, assim, vão passando os anos... Quantos eu fui campeã não lembro!

K.D. - Tu te formastes em Educação Física no IPA?

V.V. - Sim.

K.D. - Ah...

V.V. - E entrei já muito tarde! [riso] Que eu entrei em 74, no IPA, me formei em 76. Quer dizer que já estava... Quando eu entrei no IPA eu estava com trinta e oito anos.

¹⁵ Fundado em 15 de setembro de 1903.

¹⁶ Minas Gerais, Estado Brasileiro

K.D. - A opção pela Educação Física...

V.V. - Sim, devido ao esporte. Sempre convivi dentro do esporte, era uma maneira de continuar e fazendo o que eu gosto. Porque eu gosto! Até hoje ainda a gente treina duas vezes por semana, lá na SOGIPA.

K.D. - Tirando o dedo... [comentário da entrevistadora referindo-se estar com o polegar imobilizado] Marco Antônio, agora é a tua vez de nos falar um pouquinho da tua carreira esportiva.

M.V. - No início, é igual ao que... Junto com o Júlio, nós fazíamos as atividades na pracinha Pinheiro Machado, na SORVES, que é o SESC atualmente na Avenida Brasil. [abrem-se latinhas de refrigerante] Depois disso eu fui para o Navegantes São-João. Isso foi em 1958. Aí eu joguei na categoria infantil, que era a categoria menor que tinha naquela época. Aí eu - pelo próprio tamanho e tinha habilidade, porque se praticava desde criança e tinha exemplos em casa - tinha uma boa noção de voleibol. E quando em um dia houve um problema, por causa de uma chuva, nós fomos lá, no Navegantes São-João e começamos a bater bola juntos e aí o técnico me convidou para fazer parte da equipe. Aí eu comecei a mesma carreira dentro de clube, vamos dizer assim, com treinos específicos de voleibol. Isso é 58 no Navegantes-São João. Em 59, eu participei a primeira vez de uma seleção gaúcha, que era juvenil, no estado do Rio, em Volta Redonda¹⁸. E daí mais ou menos começou a deslanchar a parte desportiva da minha carreira como jogador de voleibol. Em 60, eu me transferi para o Grêmio Náutico União e já participava da seleção adulta de voleibol. Era o mais guri de todos, e então, eu comecei! Como eu era o mais novo eu aprendia muita coisa e fui evoluindo, tive uma chance de evoluir bastante junto com outros que já tinham muito mais experiência do que eu. Essa foi a primeira adulta. Depois, em 62, teve outro campeonato brasileiro, que foi em Campinas - nós três participamos. E eu fui, depois dessa, pela seleção gaúcha, depois por esse Campeonato Brasileiro, eu fui para convocado pela primeira vez para a seleção brasileira, para o Campeonato Sul-Americano no Chile, no qual nós fomos campeões. Daí todos anos praticamente tinha atividades de seleção: ou se participava de campeonatos brasileiros ou

¹⁷ Colégio Marista Nossa Senhora do Rosário.

¹⁸ Cidade Brasileira

universitários ou inclusive da própria seleção. Em 63, em São Paulo, teve o Campeonato Pan-Americano, que o Brasil se sagrou campeão no masculino. 64 foi a primeira vez que nós - que houve a Olimpíada de voleibol -, que o Brasil participou e que eu participei junto. Foi a primeira seleção de voleibol indo com uma participação de voleibol em uma Olimpíada, em 64 no Japão. 65, acho que não teve nada; 66 teve o Campeonato Mundial na Checoslováquia, sendo que 62 também teve um Campeonato Mundial na Rússia, que eu também participei, foi o Sul-americano e o Mundial em 62. 66 na Checoslováquia. 67, teve o Pan-americano em Winnipeg, ficamos em segundo lugar. 68: Olimpíada do México e logo depois disso eu parei com a seleção brasileira. É porque, quem viu hoje na televisão, inclusive o Sami Mehlinisky, que deu a maior parte da entrevista, ele era o técnico da seleção brasileira masculina e ninguém recebia nada. Então, chegava um ponto que se tinha que achar uma linha ou ver o que ia fazer da vida. Mas continuei praticando voleibol nos clubes daqui, sendo que em 64 eu me transferi daqui de Porto Alegre e fui jogar no Botafogo¹⁹. Então, voltei em 67 para cá para jogar no Grêmio Náutico Gaúcho. Mas citando, assim, os locais seguidos onde eu joguei: comecei na Navegantes São-João, fui para o Grêmio Náutico União, fui para o Botafogo, aí voltei para Porto Alegre em 67 e participei do Grêmio Náutico Gaúcho. Depois de dois anos, ou três anos fui jogar no União, aí era uma mistura de técnico e jogador. E aí depois participei, jogando - aí já estava em 69 - eu casei, aí mais jogava do que treinava, porque começou uma série de atividades. E conheço aos poucos, depois eu troquei de... Passei a ser mais técnico, ou inclusive, às vezes eu ia ser técnico em uma categoria e jogava no adulto com a equipe, como foi quando eu fui jogar na SOGIPA. Então, dali eu fui técnico da SOGIPA, do Sulbrasileiro²⁰, quando iniciou o Sulbrasileiro, primeiro ano, fui técnico do União e, então, tenho uma passagem. Em 72, aí eu tirei Educação Física também e 74, quando me formei, comecei a ser professor da ESEF do IPA; professor também do Estado. Aí aos poucos, depois, eu fui parando com o voleibol de um modo geral: deixei de ser técnico, porque inclusive quando eu dava aula no colégio e pelas novas tendências do esporte que é treinamento, praticamente diário... Mas me garanti na parte como professor, porque como técnico tu estás muito bem aqui e daqui a pouco... E na realidade, aqui, no Rio Grande do Sul, tem um ou dois, agora três, eu acho, que pagam relativamente bem aos técnicos,

¹⁹ Botafogo de Futebol e Regatas desde 08 de dezembro de 1942. É resultante da fusão do Botafogo Foot-Ball Clube, fundado em 12 de agosto de 1904 e do Club de Regatas Botafogo, fundado em 1º de julho de 1894.

²⁰ Referência ao time do extinto Banco Sulbrasileiro

porque... Então, me dediquei só mais à parte de ensino. Apesar que dentro do Estado eu trabalho no Departamento de... Agora é FUNDERGS²¹, Fundação do Esporte Gaúcho, antes era a CETE, que era o Centro Estadual de Treinamento Esportivo, que pertencia à Secretaria de Educação. E essa parte toda, agora, praticamente estou parado com tudo, porque eu – aposentado- e, por problema de joelho, não tenho praticado nada. Isso é coisa de esporte competitivo: às vezes dá esses problemas e como eu não operei o joelho nem nada, já estava, quando me ocorreu o problema de menisco, aí eu não quis operar, fui deixando e... Só que prejudica na atividade quando eu forço demais o joelho. Mais alguma coisa?

V.V. - Só fazer um apartezinho que ele não gosta que a gente fale, ele é muito modesto. Na Olimpíada em Tóquio²² ele foi escolhido entre os seis melhores jogadores da Olimpíada.

M.V. - Isso dito aqui, nunca se soube naquela época não tinha...

V.V. - Quem falou foi o Mauri Fonseca que estava lá.

J.V. - E a Lísia²³.

V.V. - A Lísia não foi.

M.V. - Quem falou também era um repórter da... Naquele tempo era Correio do Povo, Folha da Tarde²⁴, aqueles negócios, tudo... Como é que era o nome dele? Décio...

V.V. - Décio Manske²⁵, depois foi presidente da...

M.V. - Ele era repórter também, e ele disse que recebeu uma revista européia que trazia ali. Eu, oficialmente, nunca vi nada. Mas como é aquilo, não é, estão mandando brasa para o meu lado...

²¹ Fundação de Esporte e Lazer do Rio Grande do Sul, criada em 19 de março de 2002.

²² No ano de 1964.

²³ Lísia Wald Barth.

²⁴ Jornal do grupo Caldas Júnior em Porto Alegre

²⁵ Foi presidente da Federação Gaúcha de Voleibol.

J.V. - Oficialmente, aquela coisa. Vou dizer o seguinte: que tu ganhaste, foste bi-campeão do voleibol pelo Botafogo, no Rio de Janeiro e atleta laureado do Botafogo de Futebol e Regatas.

M.V. - Bom, se for por isso, eu fui laureado na Navegantes-São João, no...

V.V. - União.

M.V. - União...

V.V. - No Gaúcho.

M.V. - No Gaúcho, no Departamento de Esportes do Estado, na Federação Carioca e, no ano passado, pelo Comitê Olímpico, que deu uma placa à vários jogadores de todas as modalidades, quando teve aquele momento olímpico final do ano passado, que eles me deram uma placa. E fora outras, assim, premiações de... Há pouco, no mesmo ano, de ex-colegas, de entidades que me agraciaram, inclusive a SOGIPA que eu não tinha. Joguei pouco tempo lá, mas também me agraciou com uma placa em homenagem pelos serviços prestados e tudo mais.

J.V. - Talvez seja interessante colocar o seguinte: quem conhece hoje o voleibol, quem vê o voleibol hoje, não há comparação com o voleibol que era antigamente. Antigamente não tinha pagamento nenhum, era tudo amadorista mesmo. Nós, no União, treinávamos - o que era considerado bastante naquela época - três vezes por semana. E todo mundo era estudante ou trabalhava, quer dizer: tu chegavas a um determinado momento, tu tinhas que cuidar da tua vida. Então, as atividades... Não é como hoje que o voleibol, como os outros esportes, são profissionais, é atividade permanente. Então, o Marco, ao voltar da Olimpíada, da segunda Olimpíada, que foi em 68 no México, estava com vinte e cinco anos e parou de jogar na Seleção Brasileira. Não porque tenha sido dispensado: não quis mais jogar, ficou jogando apenas aqui, treinando, porque não tinha condições de... Afinal tem que se procurar o sustento. Isso era o que tirava muita gente do esporte, porque não tinha, não era pago, não tinha pagamento nenhum.

V.V. - Até o próprio uniforme: eles davam uma relação do que tu recebias quando tu ias viajar. Assinavam um compromisso que na volta tu tinhas que entregar todo material de novo.

K.D. - Aproveitando o que vocês estão falando, eu gostaria que vocês falassem um pouco do esporte marrom. Que a Diná²⁶ comentou comigo na entrevista, que a Federação não permitia que nenhum atleta recebesse dinheiro...

V.V. - Se a gente trabalhasse, mesmo no clube, como treinador e não podia assinar carteira; se tivesse a carteira assinada não podia mais jogar. Então era tudo feito, como treinador, eles pagavam por fora, sem carteira, sem nada, porque não podia.

J.V. - Esse esporte marrom que era comentado, existiam algumas questões colocadas, vamos dizer, que era um, nem pode se chamar de pagamento; era uma questão de algum recurso que alguns clubes, para manter as atletas... E uma ajuda de custo, mas isso naquele tempo era - tinha que ser - mantido sempre fora de... Por baixo do pano, porque os regulamentos eram muito rígidos, inclusive na questão das Olimpíadas e coisa. Não podia haver nenhum envolvimento profissional. Agora, atualmente, tu vês que até os profissionais americanos do basquete jogam Olimpíada. Então, era uma coisa bem diferente do atual. Então, alguns clubes pagavam alguma coisa, recurso aos atletas. Mas eram muito poucos e era também em quantias irrisórias! Era mais uma ajuda de custo para se manter, para fazer um lanche depois do jogo, para condução para ir ao jogo. Um caso específico, posso dizer, como a Valmy falou da questão de fardamento, na minha... Na Universíade, que nós disputamos aqui, nós recebemos um calção, camiseta, abrigo, tênis...

[FINAL DA FITA 08/01-A]

K.D. - Pode me falar das primeiras competições que tu participaste?

M.V. - Bom, a que eu me lembro foi pela pracinha Pinheiro Machado e também eu me lembro no Colégio 1º de Maio, colégio estadual, Escola Experimental 1º de Maio²⁷, que aí

²⁶ Diná Pettenuzzo Santiago.

²⁷ O nome correto é Escola Estadual Normal 1º de Maio.

a gente jogava, mas não tinha, vamos dizer assim, um treinamento mais específico. Contavam que a gente tinha um técnico, um professor, achavam que estava melhor e assim disputava esses campeonatos. Mas era totalmente na hora, praticamente, que se resolvia; aí não existia um treino específico para fazer isso, era só, vamos dizer assim... E depois começou... Quando eu comecei a jogar no Navegantes-São João, sim, aí se começou a ter treinamento específico e jogar naquele ano - era categoria infantil. Se jogou o campeonato citadino e depois, mais tarde, teve o campeonato estadual. E, por sorte eu participei... Quando eu comecei já fui campeão, tanto do citadino porque aí depois pode se jogar o estadual, fui campeão estadual, aí jogava o estadual e se foi campeão. E essas foram, vamos dizer assim, o início. Lógico que depois teve participações de campeonato brasileiro: comecei com o juvenil, depois o adulto, mas aí, apesar de eu ter participado em seleções gaúcha e tal e coisa, talvez eu tenha participado menos do que o Júlio em campeonato brasileiro. Eu, na realidade, participei nesse que era juvenil, em 59; participei em 60, 62 e 66. Participei todo tempo de quatro campeonatos brasileiros, sendo que um era juvenil. Então, é pouco, em comparação com... Por um motivo ou outro, eu não podia ir ou estava em... Naquela época, o estágio era um ano - a gente tinha que fazer quando se transferia de um local para o outro. Então tinha uma série de detalhes que às vezes eu ficava de fora. Depois sim, participei, naquela época, de todas as competições possíveis, e praticamente fui campeão em todas elas: citadino, do estado, do brasileiro, que eu fui em 66. Também fui campeão do brasileiro só que eu fui aí pelo estado da Guanabara, naquela época, que eu fui campeão brasileiro, campeão sul-americano, mas aí com seleção brasileira, só não fui campeão...

J.V. - No Pan-Americano. [Valmy ao, mesmo tempo, fala o mesmo].

M.V. - Fui campeão Pan-Americano, só não fui campeão mundial e olímpico, porque não tinha nem condições. Se quem observou no jogo, numa entrevista que teve na Globo²⁸, que o próprio técnico da seleção brasileira comentou isso, se chegava e não se sabia o que se esperava. Para ter uma idéia...

V.V. - Não sabia nem as regras como é que eram.

M.V. - Quando foi introduzida a manchete, a nível mundial, nós fomos aprender três dias antes do campeonato. Então, nós perdíamos uma série de pontos porque nós não tínhamos a habilidade, o domínio ainda da manchete que nem os outros. Então, ficamos, naquela época, se eu não me engano, em décimo lugar no mundial. Só que nós entregávamos tranqüilamente de quatro a cinco pontos por “set”, por não saber, não dominar a manchete. Então, tem estes aspectos todos! Era amadorismo muito grande e não havia intercâmbio a nível de poder se fazer frente, vamos dizer assim, às potências do voleibol que era considerada, naquela época, era as potências dos países da Cortina de Ferro²⁹. Então, não tinha a mínima condição, daí a gente chegava lá, e agora como é que é?

K.D. - Como é que era o treinamento físico e tático?

M.V. - Bom, aqui dentro dos clubes, como o Júlio falou, no início era três vezes por semana, porque o ginásio tinha que ser distribuído entre todos os esportes. Então, tradicionalmente, era terça, quinta e sábado de tarde os treinos do voleibol. E se treinava, quando muito assim, um pouco mais de seis horas por semana. Hoje, conforme o treinamento, a época do treinamento, essas equipes de ponta, vamos dizer assim, isso eles treinam por dia.

V.V. - Mas eu acho que eles treinam mais que seis horas por dia.

M.V. - E depois a gente ia para seleção, aí a gente treinava normalmente, duas vezes por dia: de manhã ou de tarde, preparo físico, e de noite, conforme... De tarde ou de noite, conforme, se treinava a parte tática e técnica do voleibol. Só que a gente ia com uma condição limitada, fisicamente, não só daqui, mas em todo o Brasil e começava um treinamento. Então, primeiros dias todo mundo estava duro! Começa que a educação física, naquela época, era bem empírica ainda em uma série de coisas. Tanto é que eu me lembro que, em 68, os japoneses treinavam seis horas por dia e os brasileiros também iam treinar

²⁸ Rede Globo de Televisão.

²⁹ Um dos principais símbolos da Guerra Fria. Denominação conferida à linha de fronteira que dividia a Europa em dois blocos: Ocidental e Oriental evidenciando a aproximação com os Estados Unidos e União Soviética, respectivamente. Países como União Soviética, Polônia, República Democrática Alemã, Checoslováquia, Hungria, Romênia, Iugoslávia, Bulgária e Albânia compunham o que se denominou Bloco Socialista, conhecido também por países da Cortina de Ferro.

seis horas por dia. Só que aí nós treinávamos duas horas de manhã, duas horas de tarde e duas horas de noite. Não tinha nem um turno para descansar. O brasileiro treina, todo mundo treina, mas um turno o atleta descansa, para ter... Então, como nós tínhamos que imitar, então se treinava seis horas; então tu eras... Os caras debochavam, no fim, dentro do local onde estava se treinando, que a gente botava e tirava uniforme. Tomava... Depois do treino era e turma mais limpa porque se tomava no mínimo três banhos por dia, mas em compensação ninguém podia chegar perto do uniforme! Porque tinha o uniforme que se treinava, botavas para secar e pegava o outro. Aí de noite pegava o outro que nem estava bem seco ainda... Então era... Os alojamentos eram um pavor! Quem não estava preparado, entrava ali, tinha que vir com “bom ar” [risos]. Então era a situação que nós enfrentávamos, daí nós íamos chegar, fazer. Tanto é que na minha preparação física, todo o tempo que eu estive em seleção brasileira e tudo, nunca se fez um tipo de trabalho com máquina. Musculação, alguma coisa parecida, não existia! E sendo que, muitas vezes, nós treinávamos na Escola de Educação Física do Exército³⁰, que é considerada uma dos “top”. Os caras que tem de tudo. Mas, naquela época, não tinha nada disso! Então, para época eram as melhores condições que a gente recebia, mas muito aquém do que a gente imagina hoje. Até academia hoje, qualquer academia, tem uma, duas, três máquinas de musculação, para ajudar no condicionamento, tudo. Naquela época não tinha nada disso! Era mais na habilidade e no esforço de cada um.

K.D. - Valmy, tu gostaria de nos falar como foi...

V.V. - Olha, como seleção brasileira, é a mesma coisa que passou o Marco Antônio, foi a mesma coisa. [ouve-se sussurros ao fundo] A gente treinava sempre, era pouco tempo antes dos campeonatos e também a mesma coisa assim: a gente nunca sabia o que esperar. Sempre tinha alguma modificação, alguma coisa diferente. E aqui, no Rio Grande do Sul, a gente treinava três vezes por semana a mesma coisa. Era nos mesmos dias: nós treinávamos antes, depois eram eles que treinavam - o masculino. Era terças, quintas e sábados! Às vezes, a gente entrava assim: sábado, o pessoal lá no União saindo das boates lá, subindo lá, e nós estávamos lá dentro da quadra jogando vôlei. Era uma mistura, era tudo junto! Mas era a maneira da gente pegar um preparo físico, porque senão não tinha

³⁰ Denominação recebida em 19 de outubro de 1933 ao Centro Militar de Educação Física, criado em 11 de janeiro de 1930, na cidade do Rio de Janeiro.

como! E depois na maioria assim, aqui, em Porto Alegre, tinha a SOGIPA, que tinha um ginásio; o União que tinha ginásio, mas quando chegava o campeonato estadual a gente ia à Santa Cruz ou à Bento³¹, coisa assim, era quadra aberta e a gente jogava de noite! Uma quadra aberta que, ou era um frio daqueles que a gente quase não agüentava, ou para jogar em quadra aberta vocês já viram o que é, não é! E cimento! Era brabo!

K.D. - Como que era a organização das primeiras competições que tu participaste?

V.V. - Olha, é sempre com dificuldade, sempre tem dificuldade; porque aqui, no Rio Grande do Sul - não só aqui no Rio Grande do Sul - naquela época todo o Brasil era mais ou menos a mesma coisa! Era difícil, para se deslocar para um campeonato brasileiro. A gente... Avião era muito difícil, a gente ia sempre de ônibus. Já viu ficar sentada dentro de um ônibus quantas horas? Nós fomos mais de uma vez para o campeonato brasileiro em Brasília de ônibus. Pensou sair daqui até Brasília de ônibus; depois não era ônibus leito nem nada, era ônibus semi-leito, tu davas só uma recostadinha... Não foi fácil, mas a gente gostava! [riso] Se tivesse que voltar tudo de novo acho que a gente faria tudo de novo!

K.D. - Júlio César, gostaria de falar para nós?

J.C. - Eu acho que tem uma coisa interessante que pode se fazer, da mudança. Embora, naquela época fosse, vamos dizer assim, as coisas fluíam sem muita programação, mas tinha alguns aspectos muito interessantes que é a questão das competições. Como nós já falamos, a questão é a seguinte: primeiro quando começou - nós começamos na Praça Pinheiro Machado. Mas o que existia? Existia competições inter-praças. A gente jogava competições, quer dizer, treinava na praça porque é cancha externa, na rua nunca mais via. No sábado, havia competição, a gente pegava o bonde e ia jogar na Praça Garibaldi, coisa e tal, e um certo intercâmbio. Isso era fundamental. Segunda questão: quando estava no secundário - científico -, por exemplo, no Júlio de Castilhos³², existiam os jogos da UMESPA³³. UMESPA é União Metropolitana de Estudantes Secundários, União de Estudantes de Porto Alegre. Tinha os jogos entre os colégios! Então, o Júlio de Castilhos

³¹ Santa Cruz e Bento Gonçalves, cidades do Estado do Rio Grande do Sul

³² Colégio Estadual Júlio de Castilhos.

³³ União Metropolitana dos Estudantes Secundários de Porto Alegre, fundada em 10 de novembro de 1956.

contra o Rosário e coisa, e aí tudo isso vôlei, futebol, basquete. Eu joguei várias vezes contra ele³⁴. Eu no Júlio de Castilhos e ele no das Dores³⁵. Era campeonato colegial, organizado, que tinha competições. Quando eu entrei na Universidade, a primeira coisa que tinha no primeiro ano da Universidade, tinha os jogos dos calouros, ou jogos dos bixos, como eram chamados antigamente. Todas as faculdades da UFRGS tinham um campeonato: tinha natação, futebol, futebol de salão, basquete, vôlei, só dos calouros! É uma competição que existia. Posteriormente disso, existia, dentro de Porto Alegre, os Jogos Universitários: uma faculdade contra a outra. *Sempre* existia na segunda metade do ano: existiam os Jogos Gaúchos Universitários. Aí jogava Porto Alegre, Passo Fundo, Rio Grande, Pelotas, Santa Maria sempre em um local variado. E *sempre* no mês, geralmente no mês de julho, que era o mês de férias, naquele tempo; era um mês de férias, existia todos os anos os Jogos Brasileiros Universitários. Então, principalmente o esporte escolar e o universitário eram muito mais organizados do que é atualmente.

K.D. - Pela FUGE³⁶.

J.V. - FUGE, aqui do Rio Grande do Sul

K.D. - Era ela quem organizava as competições?

J.V. - Os jogos. A FUGE organizava os Jogos Universitários Gaúchos e se encarregava de fazer a representação gaúcha para os Jogos Universitários Brasileiros. Isso tinha todos os anos!

V.V. - Mas ainda tem, Júlio, nos colégios ainda tem. Tem os campeonatos entre... Eles dizem inter-colegiais, onde entram todos colégios; também tem, sempre teve!

K.D. - A questão da verba para o esporte universitário...

J.V. – Olha, a FUGE geralmente tinha verba. Como a Valmy falou, a gente participava dos jogos geralmente era de ônibus. Eu fui em jogos universitários em Goiânia, em Brasília³⁷,

³⁴ O entrevistado aponta para o Marco Antônio.

³⁵ Colégio Nossa Senhora das Dores.

de ônibus! Eu não fui em um, em 68, porque eu estava fazendo um curso na CEPAL³⁸, mas sei que o pessoal aqui foi à Salvador³⁹! [riso] De ônibus! Pois é uma viagem e tanto, não é? Então, houve épocas de melhora e outras épocas... Mas o problema é que existia: Jogos Universitários, a Valmy fala na questão porque ela sabe melhor do que eu, porque até pouco tempo atrás ainda era professora do Rosário⁴⁰, das competições inter-colégios. Mas, as competições universitárias, tanto a FUGE organizando as competições universitárias, aqui no Rio Grande de Sul, como a CBDU, Confederação Brasileira de Desporto Universitário⁴¹, no Brasil, deixa muito a desejar atualmente. Antes era muito mais organizado, acontecia. E tinha uma outra coisa: era uma outra realidade, porque as seleções universitárias, como já disse antes, geralmente, quem participava das seleções universitárias era também quem participava das seleções dos estados e da seleção brasileira. Porque, vamos dizer assim, a longevidade dos atletas, aquele pessoal... Ainda quando estava no universitário ainda praticava vôlei. No momento que as pessoas se formavam, a tendência era parar com o esporte para começar a trabalhar, a cuidar da sua vida. Então, existia muita semelhança entre a seleção brasileira, que disputava os campeonatos, com a seleção universitária. Então, isso aqui parece que existiu... Jogos de calouros nunca mais ouvi falar nisso! Então, o esporte universitário eu acho que ele caiu muito. Na questão por falta de organização, por falta de competição. O que está havendo hoje é o seguinte: pode notar, o surgimento de esportes em algumas universidades, investir no esporte, mas no esporte competitivo e com grande apelo de marketing. Tu vê a questão ULBRA⁴²: a ULBRA tem vôlei, basquete, futebol, agora profissional. [Valmy fala algo ao fundo] A Universidade de Caxias do Sul⁴³ tem um time de vôlei, que está... Agora se classificou e vai disputar a próxima Liga Nacional. Então, existe bastante competições. As universidades agora estão mais até, vamos dizer assim, mal comparando, fazendo mais ou menos o que acontecia nos Estados Unidos, nessa questão das universidades serem um grande centro de esporte. Porque naquela época que o Marco se referiu, antigamente, existiam os países como o Brasil, que o esporte era totalmente amadorista, reúne... Eles

³⁶ Federação Universitária Gaúcha de Esportes, fundada em 09 de novembro de 1939.

³⁷ Cidades Brasileiras

³⁸ Comissão Econômica da América Latina, órgão vinculado a Organização das Nações Unidas

³⁹ Cidade Brasileira

⁴⁰ Colégio Rosário

⁴¹ Fundada em 09 de agosto de 1939.

⁴² Universidade Luterana do Brasil, situada em Canoas, na Grande Porto Alegre. Desde 1996 mantém um time de vôlei masculino participando de grandes competições no circuito nacional.

⁴³ Time da Universidade de Caxias do Sul.

jogam os campeonatos regionais, reúnem a seleção para um campeonato mundial. Existia uma grande linha que era a dos Estados Unidos, que era o esporte universitário. Esporte universitário americano, ele mantinha, todos os esportes, era um local com recursos que desenvolvia o esporte, que era o meio universitário. Na Europa Oriental, era a questão governamental. O pessoal era do Exército ou do serviço público e eles eram dispensados do serviço. Eles, entre outras, profissionais do esporte governamental e, a partir de sessenta e poucos, no Japão começou a surgir o esporte vinculado à grandes empresas, principalmente no voleibol. Na década de 60 o surgimento do Japão como grande potência no voleibol, primeiramente no feminino, depois no masculino, mas todas elas vinculadas a uma grande empresa. Ou seja, profissionalizando. Isso se repercutiu aqui no Brasil que pode, se vocês notarem, examinarem a questão do voleibol, ele evoluiu e começou com as grandes equipes do Brasil de treinamento intensivo – profissionalismo - através de grandes empresas. Atlântica Boa Vista, depois Bradesco, Pirelli, foram, vamos dizer assim, as iniciantes. O Minas, através do convênio com a Fiat... Então foi começando nesse sentido... Aí o Brasil - vamos falar mais do voleibol, que é o nosso chão - começou a disputar, a poder competir com as outras nações porque aí começou a treinar com os mesmos intervalos de tempo, de seleção, de jogadores; treinamento intensivo, que é o que os outros faziam enquanto o Brasil era meramente amador. E hoje, fruto deste trabalho, você vê o desenvolvimento que está. Como atualmente, nós temos essa questão que é o seguinte - um fato, vamos dizer inusitado, que existe no voleibol mundial: o Brasil é hoje o atual campeão mundial em voleibol masculino na categoria infante, na categoria juvenil e na categoria adulto. Nunca houve nenhum país que foi, ao mesmo tempo, campeão nas três categorias. E isso mostra a Federação de Vôlei, fazendo um trabalho muito grande, não só no esporte de elite, lá em cima, que é o adulto, mas também nas categorias de base. Isso vem de um trabalho desenvolvido há muito tempo que começou com o Carlos Arthur Nuzman, em 77, no Campeonato Mundial que houve... O primeiro campeonato mundial juvenil que foi realizado no Brasil, em 1977. A partir daí começou toda essa, vamos dizer, profissionalização do vôlei; profissionalização eu estou falando não só em termos das equipes, mas também dos dirigentes e da Confederação.

K.D. – No esporte gaúcho, o que tu pensa na questão da repercussão que causou a época de vocês e como ela influenciou no esporte gaúcho atualmente?

J.V. – Bom, a gente pode pensar o seguinte: como tudo na vida, existe uma continuidade; tem os antecedentes, tem os atuais e tem os sucessores. Assim, não podemos dizer que o que nós fizemos... Mas que antes de nós houve... O voleibol, aqui, tem uma tradição, existiram grandes jogadores, que eu vi jogar e que foram bastante representativos. Nós tivemos a nossa época, aí posteriormente seguiu... O que existe, como eu digo, qualquer linha de conhecimento humano ou de atividades, elas não surgem de uma hora para a outra, elas sempre elas são uma continuidade; ela começa, às vezes, com uma coisa muito pequena que vai evoluindo e no voleibol não é diferente dos outros. Nós tivemos a nossa época, mas tivemos os nossos antecessores que também praticavam vôlei que eu vi. Antes de começar a jogar vôlei, eu assistia vôlei. Como, provavelmente, alguns assistiram nós a jogar vôlei também se motivaram a jogar vôlei. Então, o que está é o seguinte: *indiscutivelmente* tu assistes hoje muito mais pessoas praticando o esporte, voleibol especificamente; mas em qualquer esporte, *tu vês* pessoas caminhando na rua ou correndo, coisa e tal. Antigamente tu não vias *nada* disso! Se tu vias alguém correndo na rua, as pessoas ficavam olhando: o que está fazendo essa pessoa? É uma evolução, *a cultura do físico*. Isso aí mudou muito nos tempos! A questão: academia de ginástica, que é isso? Isso aí não existia! Preparo físico? Como nós falamos, não existia um preparador físico; tinha técnico de vôlei, o que nós tínhamos era técnico do masculino, do feminino e de todas categorias, desde juvenil, adulto, coisa e tal. Preparador físico? Nunca. Fazer preparo físico, aquelas coisas assim: subir escada, fazer exercício. Alongamento? *Mas nem se falava: o que é isso? Alongamento!* Então, hoje existe, vamos dizer assim, uma disseminação muito maior do que podemos chamar do culturismo físico associado à questão do esporte. Que isso aí é uma questão muito significativa, muito importante, eu acho. Sobre esse ponto de vista, os avanços foram *enormes* e não dá nem para comparar. Eu acho que talvez o mais significativo, para quem não acompanha o esporte propriamente, mas olha as coisas como estão acontecendo ao seu redor, é essa questão que tu vês hoje, atualmente, em qualquer parque, em qualquer lugar as pessoas correndo; ou não correndo, pelo menos caminhando, fazendo uma atividade física. As inúmeras academias que existem agora, que estão ocorrendo e tu vês estão, sempre, senão cheias, mas sempre tem gente, alguém fazendo alguma coisa. E a própria importância, mais específica, do curso que vocês estão fazendo. A questão da Escola de Educação Física. Antigamente, o que existia de Escola de Educação Física? A Escola, que não era nem da UFRGS, era a Escola do Estado do Rio Grande do Sul, passou a ser da Universidade

Federal, se vinculou à Universidade Federal em 1970. E, a partir daí, quantas faculdades de Educação Física surgiram no estado do Rio Grande do Sul? Hoje eu nem sei quantas tem, mas existe *um monte*.

M.V. – Trinta e poucas...

J.V. – É, eu acho que sobre esse ponto, vamos dizer assim, da população total muito mais gente pratica esporte: não o competitivo, por que existe - talvez aqui tenha que fazer uma diferença muito grande - hoje, para esporte competitivo de primeira linha, como é o caso de ULBRA, Bento Gonçalves no voleibol, coisa e tal, é uma questão, é profissionalismo. Para tu conseguires futebol de salão, basquete ou qualquer uma dessas é todos os dias; é dedicação exclusiva. Agora, o esporte recreativo, o esporte na escola, essa coisa, ora, tem muito mais gente jogando basquete, vôlei, futebol, futebol de salão, isso aí, a disseminação disso é muito maior. E também essa questão da pessoa fazer um exercício físico. Isto é, a diferença é do dia para a noite.

K.D. – Valmy eu gostaria que tu nos falasses um pouco agora da estruturação do vôlei feminino do Rio Grande do Sul.

V.V. – Olha, eu acho que não tem muita diferença do masculino com o feminino, porque o mesmo técnico que era deles era o meu técnico também. Então, ele nos dava um preparo físico que era uma coisa assim... Ele não era um professor de educação física, por sinal ele era um físico.[riso] Era formado em física e que era mais? Geologia?

M.V. – É! Engenheiro de minas.

V.V. – É, engenheiro de minas. Então uma coisa completamente diferente, mas ele era estudioso no voleibol, aquela coisa então. Isso que ele procurava - dentro do que ele tinha - passar para nós em preparo físico e coisa assim. *Bah*, a gente tinha que fazer... Às vezes, a gente vinha, trabalhava ou coisa assim; vinha para o treinamento e tinha que fazer: subia as escadas lá do União - as arquibancadas. Subindo e descendo e, depois, bate bolas e coisa assim. Mas ele era um bom treinador, ele nos deu muitas condições, apesar de nós termos aqui - como é que vou dizer assim - não é que era atrasado, mas a gente não tinha o mesmo

intercâmbio que tinha entre Rio, São Paulo e Minas, onde sempre o intercâmbio foi muito maior que aqui no sul; também por causa da distância, que era difícil da gente ter um, um contato maior. Quando eu estive em Minas, que eu fiquei, praticamente, dois anos morando lá, o intercâmbio entre São Paulo, Rio e Minas era incrível, era quase que semanal! Cada fim de semana a gente tinha um torneio em um clube do Rio, em um clube de São Paulo, em Minas, então, esse desenvolvimento foi muito maior do que aqui no Rio Grande do Sul! Então, quando a gente voltava, que ia treinar, a gente sentia aquela diferença; era um treinamento *bem* menor, pois lá a gente treinava mais. Mas assim mesmo o Rio Grande do Sul, sempre, em todos os campeonatos brasileiros, sempre foi para disputar os primeiros lugares. A gente, às vezes, não conseguia o primeiro lugar, ficava segundo, terceiro, mas sempre estava em cima da...

K.D. – Então, a história do voleibol masculino e feminino, ao teu ver, andaram juntas?

V.V. – Sempre andaram juntas.

K.D. – E era muito difícil conciliar o fato... Assim, talvez tivesse algum preconceito naquela época em ser mulher, em jogar...

V.V.- Não. Não, tinha não.

K.D. – Não? Nunca, nunca te sentiste...

V.V. – Não, nunca, nunca tive. Havia de vez em quando alguns, que achavam que esporte não era para mulher, por sinal até uma pessoa bem conhecida, uma vez chegou e disse, em plena rádio, que o esporte não era para mulher. Foi uma coisa, um absurdo.

K.D. – Nessa época tu eras atleta?

V.V. – Sim. Não só eu, como muitas outras, todo mundo ficou meio assim: “*bah, mas como?*”. Mas sempre tem alguém, não é! Sim, naquela época tinha, agora pode não ter!

K.D. – Mas não era uma coisa constante assim?

V.V. – Não, não era constante. Um que outro assim que... Mas a gente sempre, não ligava, gostava do esporte e ia em frente.

K.D. – Certo. Queres fazer um aparte, Júlio?

J.V. – Sim. Agora, ela não contou. Mas a gente que conviveu com várias atletas femininas que ao encontrar um namorado, noivo, não gostavam e paravam de jogar.

V.V. – Ah, sim!

J.V. – Porque o namorado não gostava que ela jogasse. Naquele tempo tinha *muito* disso. Sim, tinha.

V.V. – Sim, mas não era preconceito.

J.V. – Não, não era *preconceito!* [ironia] Só não gostavam que jogasse!

V.V. – Não, é que eles não queriam, eles não gostavam porque...

[FINAL DA FITA 08/01-B]

J.V. – É que... Penso que talvez tivesse que se estudar melhor. Hoje, aqui, no Rio Grande do Sul tem: ULBRA, Bento, Caxias - três equipes masculinas que vão disputar a Liga Nacional, ou seja, o “top” de linha de voleibol masculino. Além disso tem: União, SOGIPA, time de Esteio, Novo Hamburgo, Gravataí⁴⁴, vários metropolitanos aqui. Times masculinos disputando o campeonato gaúcho. Agora se tu fores no feminino, não tem equipe! Tem equipe a SOGIPA; o União tem só juvenil; Bento tem equipe, e coisa, e não tem nenhuma equipe na Liga Nacional. E não é por problemas, vamos dizer assim, físicos de atletas, compleição física e tal porque aqui... Tem um... Acho que, como local e fonte de atletas tem a pessoa: o feminino, aqui, que começa a jogar no União ou SOGIPA que tem escolinha, infantil, infante, quando chega na idade de dezesseis, dezessete anos se quiser aumentar, se quiser ir jogar em um adulto. Vai ter que sair do estado, porque não tem

nenhuma equipe que vá adiante. Isso a gente... Nós aqui constatamos, próximo, porque a minha filha, que sempre adorou jogar aqui e coisa, teve que sair daqui para poder jogar em times adultos porque não tem! Se tu examinares isso, na Liga Nacional não tem nenhuma equipe! Não tem agora e há muito tempo que não tem equipe gaúcha disputando o feminino. Enquanto no masculino há muito tempo que tem uma, duas e agora três equipes. Então, até não sei por que motivo é isso... Eu, sinceramente, digo: não é preconceito, porque isso não existe mais. Não é isso! Eu não sei, por que até as equipes como dessas universidades, que tem o “marketing” e coisa não... Aliás parece que o “marketing” é só em cima do masculino, parece que o feminino não atrai tanto. Não sei o que seria isso, mas é que não tem, não tem.

K.D. – Tu observas isso como uma coisa recente?

J.V. – Não, isso vem acontecendo já há algum tempo. Se tu examinares todos esse tempo que tem essa Liga Nacional de competição, o masculino sempre teve representantes no Rio Grande do Sul, e no feminino isso não ocorre. Houve um ano que a ULBRA começou a jogar, mas foi só um ano que jogou; outro ano a SOGIPA também, durou um ano só e agora eu acho que, dez anos ou mais, não tem uma equipe adulta, feminina, do estado do Rio Grande do Sul disputando Liga Nacional.

V.V. – Mas eu acho que também...

J.V. – E sempre, se tu fores examinar os campeonatos brasileiros infante, infantil, as equipes gaúchas se destacam, mas não vão adiante.

K.D. – Gostaria de falar alguma coisa Valmy?

V.V. – Eu acho também que no feminino as equipes aqui ficam mais difíceis porque na Liga, nos outros estados, eles contratam jogadoras e lá é tudo é mais perto um do outro. Quer dizer, se eles vão contratar, fazer uma equipe, vão contratar gente de fora muitos não querem vim para cá, porque é longe. Eles acham assim: é muito longe lá no sul. Depois tem outras que dizem assim: “ah, não, mas eu não vou para lá, porque aquilo lá é um frio

⁴⁴ Cidades da grande Porto Alegre.

desgraçado, não dá para agüentar aquele frio!”. E a dificuldade de trazer atleta para cá, masculino é mais fácil...

J.V. – Por quê?

V.V. – Porque o rapaz vem sozinho e fim. As gurias nem todas vem assim! Têm muitas que não vêm!

J.V. – Valmy, tu estás...

V.V. – Não estou não! Sei bem como é que é isso!

J.V. – Isso não existe mais!

V.V. – Não existe...

K.D. – Marco Antônio, tu poderias nos falar a tua visão sobre a estruturação do esporte?

M.V. – Atualmente? A estruturação atual?

K.D. – Estruturação... Talvez as mudanças que tenham ocorrido desde quando tu começaste a jogar. Como se procedeu isso.

J.V. – Fala! Tu és professor do Estado, do órgão do Estado que trata do esporte. Bom, fala sobre isso!

M.V. – O grande problema da estruturação, vamos dizer assim, das competições, por exemplo, do Estado, que tem, são essas estudantil... Que ele... Depois tem as que vão representando as equipes, que vão representando o Estado, é a parte financeira. É o elemento mais problemático, porque nunca se sabe se vai ter dinheiro! Ou se faz e fica aqui, ou bom, a verba tá prometida, mas quando sai, sai na última hora! E dependendo, conforme o ano, se é ano eleitoral ou coisa, às vezes, complica mais. Porque não foi... A verba que foi designada é pouca; então cria, existem alguns problemas. Agora, com a

Fundação - que virou Fundação - e tal, tende a melhorar essa parte. Acho que mais.. Isso é problemático, por exemplo, como o Júlio falou, a parte da Federação Universitária Gaúcha de Esportes, a FUGE. A FUGE tinha uma sede, eu não sei, bem grande. Mas aos poucos foi deteriorando, foi coisa e entraram... Teve gente que entrou na justiça, que eram funcionários que não eram pagos... No fim, que eu saiba, estavam lá no Departamento de Esportes, numa sala, para fazer todo o trabalho de universitário nisso. Inclusive, o presidente era o Alexandre⁴⁵, que era professor lá da UFRGS e teve... Que ano foi? Noventa e... Pouco tempo atrás ia sair um campeonato brasileiro universitário aqui. Eu sei que eu trabalhava lá e fui designado para trabalhar junto com ele; então começou a se ver o trabalho para conseguir locais para os jogos, tudo, foi um trabalho tremendo! Estava se vendo hotéis, uma série de coisas para vir tudo, na última hora... Não veio o dinheiro para organizar isso! Aí, não foi feito o campeonato! Aí teve que se fazer... Voltar a todos os locais, agradecer a colaboração, mas infelizmente não ia sair o campeonato porque não veio a verba, não tinha como... Então tem esses aspectos! Isso já a nível nacional até. Porque tinha que vir dinheiro a nível nacional para... Então, ocorre em todos os meios, o grande problema é financeiro. No ano passado, o esporte melhorou muito no Brasil, de um modo geral, quando começaram as loterias esportivas. Houve uma subvenção. E, a partir do final do ano passado, eu acho que, que dois por cento de todas loterias, vai para o Comitê Olímpico e ele distribui entre as confederações e as confederações distribuem em tudo que é esporte. Então, há uma verba maior; inclusive eles tão pensando em fazer o Pan-Americano e outras atividades para começar a desenvolver o esporte em âmbito maior, em todos os segmentos da população. Mas aí já é uma verba específica porque todo mundo joga em loterias esportivas e, de qualquer loteria, dois por cento daquilo que é arrecadado vai para o Comitê Olímpico Brasileiro. Então vai ter dinheiro para trabalhar! Antes, não sabia, não tem, se esperava um dinheiro, mas aí houve algum problema, alguma coisa... Precisa... Houve uma queda grande do aumento do dólar e tal, então, se criam as crises econômicas dentro do país, vem para os estados, municípios e cria os problemas de verba para o esporte. Então isso ocorre seguido. E, se não tiver entidades particulares, que dêem fomentação para esse desenvolvimento do esporte, daquele que eles têm preferência, não há um desenvolvimento. E há, aqui no estado tem: a ULBRA; agora tem o Caxias, tem o Bento. A ULBRA tem já em vários esportes. Então existem algumas entidades, mas se não

⁴⁵ Alexandre Veli Nunes.

for as entidades particulares, ou não existe, não dá um... Aqui no Estado não está dando. Vamos ver se com esse negócio da Fundação, agora, melhora de um modo geral.

K.D. – Traçando um paralelo de quando tu começaste a jogar vôlei, aqui em Porto Alegre, até agora, quais os pontos que te chamam mais atenção?

M.V. – Existia, vamos dizer assim, participação de mais entidades na organização, por exemplo: tinham jogo de praças, de colégios. De um modo geral, quem participava de um, participava de tudo, não é. Mas tinha de vôlei, basquete, vários esportes. E - não sei - não havia, naquela época, eu acho que tanto a parte aquela que o cara tinha que ganhar dinheiro; o professor tinha que ganhar dinheiro! Hoje em dia, para toda que eu... “Está pagando? Então eu vou!”. E outra coisa: no Estado, a gente sabe, que teve época que tinha professores que ganhavam tantas horas para treinar as equipes de seus colégios. Principalmente, os colégios do Estado. Atualmente, passou um tempo, os caras cortaram, não tinha mais! Então o cara tinha que dar tantas horas de aula e, se quisesse treinar, dependendo do colégio, te dava lá uma meia dúzia de horas e... Mas não contava que tem que ir nos fins-de-semana, às vezes de noite, algumas, uma série de coisas! Então os professores também começaram a largar! Deixaram de ser técnico, porque qual era a vantagem? Se ele treinasse a gurizada naquele período que constava como carga horária dele e tinha aos fins-de-semana, tudo bem! Mas como ele teve que preencher toda carga com hora-aula normal de educação física nos colégios, ele começou a largar a parte de esportes. E isso houve um decréscimo, mais pelo próprio problema da Secretaria da Educação, que teve uma série de cobranças e tal. Ocorria, alegaram, que tinha professor que ganhava essas horas e não participava de nada. Mas aí é a forma de cobrança, do próprio colégio em cobrar. Agora, que existia muito mais atividade para criança em fim-de-semana e tudo mais, existia. Não, isso não faz tanto tempo assim; faz pouco tempo. Aqui, houve uma época que a Secretaria começou a cobrar demais e o melhor. Tanto é que tem... Até hoje as grandes querem que o professor dê aulas em uma completa carga horária no seu colégio ali querem que ele vá dar aula sem outro local. Aí existe uma gritaria! Às vezes querem que... Sim, porque conforme o local existe até a distância de lugar, da sua própria casa, que ele escolheu, e não se paga a periculosidade, aqueles troços todos - tem uma taxa. Quem é que quer ir lá para o meio de uma vila, para dar aula? Tem gente que vai e os carros são roubados, o carro é riscado. Então existe esses problemas também!

K.D. – Gostaria de dar um à parte, Júlio?

J.V. – Sim. Eu acho que tudo isso é uma questão de prioridade que tu dás para diferentes atividades. Decididamente aqui, na Secretaria de Educação, esporte competitivo não é prioridade. Isso não existe. Como o Marco falou, poderia ser simples isso! Mas é uma questão de prioridade. Porque existem duas coisas que nós temos que separar: uma questão é o esporte competitivo e o esporte recreativo; esporte recreativo, as aulas de educação física, o voleibol, o basquete, dado dentro da aula de educação física tem um determinado fim. Agora, o esporte competitivo da equipe representativa da escola é uma outra questão; e essa, decididamente, não tem sido a prioridade, não só da Secretaria de Educação, mas até quem comanda as questões de esporte no Estado. E nem a nível, vamos dizer assim, de governo. Há poucos dias atrás, estou vendo na televisão, aquela coisa, Jogos Abertos de São Paulo. Trezentos e tantos municípios participando, não sei quantos mil atletas desenvolvendo - esse ano foi em Franca, São Paulo - competições de alto nível. Porque também, nesses municípios têm várias equipes competitivas que são jovens do interior - capital não entra - isso é tradicional, isso tem em São Paulo há muitos e muitos anos! Alguns anos o Rio Grande do Sul tentou fazer! Fez um, dois, três anos, parou, não tem continuidade, não tem verba. Depois, não ter continuidade, não ter verba, o que é isso? Isso é uma simples é uma questão de prioridade. Não é considerado como prioridade. Logicamente, pelo próprio modo como estou enfocando a questão, tu vais me dizer que eu discordo totalmente e coloco que isso aí é altamente prioritário. Eu imagino o seguinte: hoje em dia, muitas escolas, elas tem pavilhão de esportes, ginásio. E eu te pergunto o seguinte: qual dessas escolas e coisas estão abertas à noite ou nos fins-de-semana para se integrar com a comunidade? Mas ter esses equipamentos e se integrar à comunidade, trazer, não só os alunos, mas os pais dos alunos também para praticar um esporte, dentro, isso aí necessita não só a instalação física, necessita recursos humanos. Então, eu acho que nessa questão do esporte, sob o ponto de vista social, essa integração das escolas, com os equipamentos da escola, cada um com a sua área de atuação, com sua... Com os pais e mestres e alunos e etc... Se houvesse uma política de alocação de recursos humanos, porque o recurso, o material está lá; o ginásio, a escola estão lá. Agora, se não tem alguém para tomar conta, para organizar uma competição, para organizar um jogo; que chegue lá e toma conta do negócio, isso não pode acontecer! Agora, o que eu estou vendo é isso. Existe muita disponibilidade e aí não é só na questão do esporte; em tudo. Tanto a nível

governamental, tanto de município, estado, como no país... Tu consegues muita coisa de equipamentos, geralmente com problemas aqui, problemas ali; consegues recursos para tu equipares. Agora, quando tu queres um recurso de pessoas para organizar, para fazer com que aquilo funcione, ninguém quer contratar ninguém.

K.D. – Júlio, no teu caso, na tua vida esportiva, tu achas que foi a escola que abriu as portas para jogares vôlei?

J.V. – Não, decididamente não foi a escola, como eu já disse. Foi a praça pública (Praça Pinheiro Machado) e o SESC (Serviço Social): dois equipamentos próximos à minha casa.

K.D. – Certo. Então, Júlio, eu acho que a gente pode continuar contigo. Trocando de assunto, eu gostaria de falar um pouquinho sobre a Universíade, de 63. Como é que foi a tua convocação, e a preparação da equipe para disputar a Universíade.

J.V. – Bom, a minha convocação foi em função dos... Em 62 houve o Campeonato Brasileiro Universitário em Santa Maria. Deveria ser, até por uma questão de data, sempre os Campeonatos Universitários Brasileiros eram no mês de julho... Por problemas de término de ginásio - o Ginásio do Corinthians, de Santa Maria, não estava completo - foi no mês de agosto. Então, em função desses jogos de 62, foi convocada a equipe para a Universíade, em 63. E aí nós fomos treinar no Rio de Janeiro, no mês de julho de 63, durante as férias escolares da faculdade. Treinamos lá no Rio de Janeiro, voltamos para Porto Alegre e aí veio todo o pessoal aqui para Porto Alegre porque a Universíade foi no final de agosto, início de setembro de 63. Então, lá tivemos treinamento naquele horário integral.

K.D. – Um mês de treinamento?

J.V. – É, não chegou a ser um mês, mas com deslocamentos, idas e vindas e coisa e tal, foi um pouco menos de um mês. E depois, talvez uma semana antes dos jogos, aqui em Porto Alegre. Só que, como disse o Marco, tu estás acostumado, por melhor que seja teu preparo físico, jogando três vezes por semana, ou qualquer coisa... Mesmo sendo jovem, quando tu passas a treinar todos os dias, duas vezes por dia, dá um impacto inicial e até se acostumar

com aquele estágio leva alguma coisinha. Mas isso foi tranqüilo. Agora, a Universidade em si como fato foi, para mim, o maior fato esportivo. Também o maior fato que já aconteceu aqui na cidade de Porto Alegre e, para mim, também foi uma questão fundamental. E, vamos dizer assim, falar da questão de esporte, da questão da Universidade, isso é uma questão... O que talvez a gente possa falar alguma coisa são os aspectos pitorescos da questão. Um deles era o seguinte: quanto à questão de alimentação, eu nunca vi tanta fartura e tanta... O pessoal todo da Universidade ficou localizado em uns blocos de apartamentos que a Caixa Econômica Federal estava fazendo no Partenon e que a primeira ocupação foi a Vila Olímpica. Só que tinha um fato: a equipe brasileira não ficou na Vila Olímpica. A equipe brasileira ficou no Hotel Pampa, que fica lá na rua Demétrio Ribeiro⁴⁶, separado das demais. Não sei porque cargas d'água, nunca fiquei sabendo; fiquei sabendo dos boatos, pelos quais se colocou... Não sei se é verdade. Que a Caixa Econômica, ao emprestar os apartamentos que estavam prontos para serem comercializados colocou que os atletas brasileiros eram muito mal educados, poderiam depredar as... Eu não sei se isso é verdade ou não, mas foi a desculpa; eu também não entendi porque que o Brasil ficar separado dos demais. Bom, mas esse pessoal fazia todas as suas refeições no 18º Regimento de Infantaria, que é ali no Partenon mesmo, era o local onde faziam as refeições. E nós fazíamos na Reitoria. Mas, a fartura que existia na alimentação é uma coisa... Mesas e mesas de tudo que é tipo de frutas, sucos, iogurtes, leite, o que tu podes imaginar! E depois comida quente. E era uma coisa... Não pode se queixar sobre a questão de alimentação; foi uma coisa... Agora, o fato pitoresco, a questão que se constatava: esse pessoal, principalmente da Europa Oriental, tinha pessoas que vinham para alimentação com sacola e daí assim enchiam a sacola de laranja, banana, essas frutas que, imagino que para eles deviam ser caras, e coisa e tal. Mas os caras comiam fruta e depois passavam todo o dia chupando laranja, e coisa e tal. Era uma coisa de louco, o estilo de alimentação, principalmente na questão frutas. Que para nós aqui é o corriqueiro, esta aí à disposição, me parece que para eles devia ser... Algumas dessas frutas eram bastante raras ou, pelo menos, provavelmente para o poder aquisitivo deles. E eles como universitário não deviam ser, qualquer pessoa sem poder aquisitivo, mas era uma coisa de louco, que eles vinham com sacolas e coisa, enchiam, à vontade mesmo aquilo. E ficavam o dia inteiro chupando laranja, comendo uma banana, os abacaxis... Abacaxi era um fato curioso até: as pessoas nem conheciam, a maioria deles nem conhecia o que era o abacaxi. Então essas coisas

⁴⁶ Rua do Centro de Porto Alegre

assim a gente constatou de fato e fala tudo. Esse convívio com pessoas de outras nacionalidades, o conflito da língua, de se fazer entender. Finalmente, a questão seguinte: a vez que eu vi a Reitoria⁴⁷ na festa baile, festa de encerramento, não dava para entrar! Na Reitoria, a parte de cima do salão, a parte de baixo, era uma coisa só. Gente, gente, gente que não acabava. E, a questão, tanto na inauguração como no encerramento, que foram no Estádio Olímpico - sempre lotado! A participação do povo, era uma coisa de louco! Nós, por exemplo, jogadores, no União, que era o maior estádio de voleibol que existia, nós para chegarmos lá, para jogar, nós chegávamos com o ônibus e tinha que a Brigada abrir porque tinha um monte de gente antes que não puderam entrar, porque já estava lotado o ginásio; tinha gente na frente querendo entrar e não podia. Então a Brigada tinha que fazer... Afastar para nós podermos sair do ônibus e entrar dentro do ginásio. Coisa nunca vista, assim, na participação. E, a piscina do União, nas competições de natação: lotada. Nas competições de atletismo no Grêmio ou na SOGIPA, cheio de gente! Foi uma coisa assim, um acontecimento que repercutiu e foi muito divulgado aqui na cidade; houve uma participação popular enorme.

K.D. – Quais foram os momentos que tu citarias como os mais emocionantes para ti, na Universidade?

J.V. – Olha, a primeira é essa questão da inauguração da Universidade. Foi uma noite, em um sábado, se eu não me engano, no estádio do Grêmio⁴⁸. Eu, acostumado aqui, nessas competições amadoristas, com pouca participação de povo - que a gente sabe -, eu não... Tinha gente, mas... Quando descemos do ônibus que entramos na coisa e o troço assim estava... O estádio de futebol *lotado! Completamente lotado!* Uma noite, iluminado, tudo aquilo e as delegações então entravam, circulavam e se colocavam dentro do gramado. Aquilo ali foi uma questão inesquecível! A mesma coisa aconteceu no encerramento. Quanto à questão, vamos dizer assim, de participação social, de popular, isso aí é uma coisa muito importante. Quanto à questão, vamos dizer, esportiva... Jogar, contra a União Soviética ou contra a Checoslováquia era uma coisa que eu nunca tinha imaginado, quer dizer, eu já sabia que acontecia, mas... Ainda mais que o time da União Soviética tinha dentro da sua seleção universitária, três jogadores da seleção titular da União Soviética,

⁴⁷ O baile de encerramento da Universidade aconteceu na reitoria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

sendo que dentro, um dos quais, era o melhor jogador do mundo, já consagrado mundialmente. Então, sob o ponto de vista esportivo, foi essa questão do jogo. Quanto à questão social, essa questão do encerramento e coisa. Porque a questão de assistir? Eu não assisti uma partida de basquete - que o Brasil foi campeão mundial - porque não dava. Porque nós tínhamos jogos e tinha treinamento no meio do jogo, então tinha muito pouco tempo livre para assistir outras atividades. O que eu consegui assistir foi algumas provas de ginástica olímpica e algumas de natação. Agora, basquete eu não vi nenhum jogo. Porque geralmente era de noite e nós jogávamos de noite na maioria das vezes. Então, alguns eventos eu nem podia participar.

K.D. – Na tua opinião, a Universíade deixou alguma marca no esporte gaúcho?

J.V. – Seguramente! *Importantíssima!* Deixou uma marca no esporte, nessa questão de organização e também deixou uma marca que é o próprio Ginásio da Brigada⁴⁹ - que hoje é da Brigada - foi construído especificamente para a Universíade onde foram os jogos de basquete. E só fazendo uma recapitulação: a evolução que existia, o envolvimento, vamos dizer, do próprio país, naquela época, na questão de esportes. 1963, sabe o que houve aqui no Brasil? Houve, em abril, o Campeonato Pan-americano em São Paulo: todos os esportes, jogos Pan-americanos. Quer dizer, toda a América, Norte, Central e do Sul. Vôlei, basquete, futebol todos os esportes, em abril, em São Paulo. Uma semana depois que terminou o Pan-Americano em São Paulo teve o Campeonato Mundial de Basquete Masculino Adulto no Rio de Janeiro. Foi isso aí, abril, foi em maio. E fim de agosto, início de setembro, a Universíade em Porto Alegre. Três eventos de nível mundial acontecidos no mesmo ano! No Brasil. Havia, vamos dizer assim, uma vontade política porque para acontecer três eventos desta magnitude só com uma vontade política muito grande e um apoio do Governo Federal. Não seria possível se não houvesse um envolvimento de Governo Federal. E aí, voltando à questão do envolvimento, prosseguindo um pouco, na questão de envolvimento do governo...

[FINAL DA FITA 08/02-A]

⁴⁸ Estádio Olímpico Monumental, inaugurado em 19 de setembro de 1954.

J.V. - Março de 64 nós estávamos, Campeonato Brasileiro de Voleibol, em Brasília. Fato inusitado, como foi que nós fizemos sempre? Ônibus... Passagem de avião. O masculino todo alojado no Hotel Nacional de Brasília e o feminino no Brasília Palace. Só que, nós saímos daqui de Porto Alegre, no dia 31 de março, chegamos em São Paulo, e ficamos dois dias parados em São Paulo, eu e a Valmy, porque o Marco estava no Rio, não foi jogar.

V.V. – Ficamos em São Paulo.

J.V. - Ficamos em São Paulo retidos, não dava para ir à Brasília nem voltar para Porto Alegre por causa do dia 31 de março. Mas depois, logo que se ajeitou, nós chegamos em Brasília e fizemos um... Teve jogos, sem problema nenhum. Mas o que eu quero dizer do envolvimento do Governo Federal, Ministério da Educação, pagou todas as passagens de avião de todas as delegações do Brasil. *Para* Brasília. E pagou hotel: hotel cinco estrelas! Naquele tempo nem era cinco estrelas, mas eram os melhores hotéis de Brasília daquela época, 64. Brasília tinha quatro anos, era uma coisa pequena, mas os hotéis eram de luxo. O masculino, todas as equipes no Hotel Nacional de Brasília e todo feminino no Brasília Palace. Quer dizer, existia pelo menos um... O que eu estou dizendo, uma prioridade em esporte. Que depois houve - vamos dizer o seguinte: principalmente universitária -houve uma castração de lideranças universitárias, não só na questão política, mas também na questão esportiva.

K.D. – Em 63...

M.V. – [murmura alguma coisa].

K.D. – Só um pouquinho... Marco Antônio... [riso]

M.V. – A importância da Universidade que teve em Porto Alegre... Teve, início desse ano, teve um congresso no Rio, do Comitê Olímpico, para mostrar e ver os estados que estariam interessados para sediar parte do Pan-Americano. E estive aqui no Rio Grande do Sul, eu participei... O Rio Grande do Sul se interessou. Só que o presidente do Comitê Olímpico,

⁴⁹ Ginásio da Brigada Militar, construído para abrigar os Jogos da Universidade e inaugurado às vésperas do evento.

Nuzman, que tinha participado da Universíade, ele alegou o fato: “bom, mas a questão é que o Rio Grande do Sul praticamente depois da Universíade não fez mais nada. Não criou alguma oportunidade para desenvolver as atividades, ou quis patrocinar atividades”. Apesar disso, se tentou alguma coisa, mas não houve. Já está certo que não vai participar, não vai ter nenhuma competição do Pan-Americano aqui no Rio Grande do Sul, a não ser que, futuramente, haja alguma modificação; mas por enquanto já está acertado que não. Então, essa é a importância da Universíade. Primeiro, porque o presidente do Comitê Olímpico participou e, pouco tempo depois - ele participou em 64, quatro, cinco anos - ele praticamente não participou mais de coisa e foi, começou a ser dirigente: presidente da Federação Carioca, Confederação de Vôlei, depois o Comitê Olímpico. Então ele sabe das histórias e tudo que participa. O que é a participação do estado do Rio Grande do Sul, em que competições que houve aqui depois de 63? E a nível internacional? Então, ele está lá sabendo da importância, do exemplo real que teve Porto Alegre, foi a Universíade. De lá para cá, houve algum jogo, mas não a nível de expressão internacional assim.

K.D. – O que eu ia perguntar antes para o Júlio era que, em 63 já tinha um clima de tensão política, justamente por essas questões que depois, em 64, houve o golpe. Isso afetou de alguma maneira a Universíade?

J.V. – Não, acredito que... O clima político existia, sem sombra de dúvida, existia também assim uma diversidade de opiniões, de pressão política muito grande. Eu coloco o seguinte: eu me considero um privilegiado pela época que eu vivi. Primeiro porque de 61 a 64, foram quatro anos que eu tirei a Faculdade de Agronomia. E nesta Faculdade de Agronomia, vamos dizer assim, era um microcosmos representativo das maiores tendências que tu podes imaginar; porque na Faculdade de Agronomia estavam lá representados pessoas jovens, provenientes de pequenos agricultores; eram. Pessoas como eu, que eram aqui da cidade, não tinham coisa, mas tinham uma vontade de... E tinha filhos de fazendeiros, de pessoas... A diversidade de opiniões e os choques e as discussões que existiam, que circulavam neste ambiente eram inúmeras! Não era, vamos dizer assim, um... Não existia uma posição hegemônica. Existia uma variedade de posições e que isso aí enriqueceu, sob o meu ponto de vista. Eu sou da diversidade, eu sou... Acho que não é a questão do conflito, mas a diferença de opiniões; elas são muito importantes, talvez isso até me motivou na própria questão da agronomia, de eu me vincular sempre nas questões de

planejamento. Eu entrei na Secretaria de Agricultura, no Instituto Gaúcho de Reforma Agrária, na questão de planejamento. Eu, depois, em 71, fui para antigo GERM⁵⁰, hoje METROPLAN⁵¹, sobre a questão de planejamento urbano metropolitano, da região metropolitana de Porto Alegre. Neste ambiente eu convivo também... Dentro da METROPLAN, nós temos: eu sou engenheiro agrônomo, tem engenheiro civil, mecânico, tem arquiteto, biólogo, economista, administrador, advogado. É o convívio... Tu convives com pessoas de diferentes formações, diferentes opiniões, de diferentes... Há um diálogo muito rico! E eu acredito, eu acho que já tinha essa tendência desde de guri, da diversidade. Eu acho que dentro da diversidade é que se pode sanar conflitos e chegar à coisa. Porque essa questão de unanimidade, de consenso, isso aí, para mim, é muito difícil, isso não existe. Existe uma coisa discutida e uma coisa acertada. Agora, unanimidade... A vida é muito complexa! Ela não existe, é impossível, sob o meu ponto de vista, chegar à unanimidade. Existe convivência, existe respeito por opiniões divergentes e uma trajetória a seguir. Não sei se estou me afastando das coisas...

K.D. – É, eu ia te perguntar...

J.V. - Do esporte...

K.D. - Eu ia te perguntar...

J.V. - Mas tem relações! E o esporte faz isso. O esporte desenvolve isso! Porque ao mesmo tempo que tu... Quando tu entras em uma equipe, - no esporte, pelo menos, de equipe - tu és integrante, além dos reservas, de pelo menos seis jogadores na quadra. Esses seis jogadores na quadra são pessoas não só de diferentes condições físicas, mas também, emocionais. Então, tu convives com... Bom, com tal pessoa tu podes gritar ou qualquer coisa que o cara responde. Com tal tu não podes gritar porque a pessoa se abate. Tu estás lutando por um objetivo comum com aqueles, mas os que estão do outro lado são teus adversários, não são teus inimigos. No momento que tu ganhas ou perdes tu voltas a conviver. Então, essa questão do esporte como uma orientação das condições de vida, de trabalho em conjunto, de respeito à individualidades, ao conflito, vamos dizer assim,

⁵⁰ Grupo Executivo da Região Metropolitana

⁵¹ Fundação Estadual de Planejamento Metropolitano e Regional.

esportivo com os adversários... Que passado aquilo já não são mais adversários, daí são colegas. Isso aí é importante, eu acho até como lição de vida.

K.D. – É, te perguntei porque a grande parte dos discursos das delegações olímpicas falavam em paz mundial. Que esses jogos se jogariam em prol da paz mundial. Então eu acredito que tivesse um clima político bem... Vamos trocar a pilha... [algum murmurinho, pois a pilha foi trocada]

J.V. – Na inauguração da Universidade, quem fez o discurso e coisa foi o Ministro da Educação do governo João Goulart⁵². E o Ministro da Educação⁵³ colocou um negócio, no seu discurso, falou: “inauguração dos jogos da amizade”; daqueles troços todos e aí o cara teve a questão de colocar que as forças reacionárias estão contra, coisa e tal. Foi uma vaia desgraçada, porque a população também considerou o seguinte: de que aquilo não era o momento de política, era um momento de esporte, de conagração, que aspectos políticos não seriam adequado. O conflito, as diferentes opiniões existiam. Já existiam isso, que nem agora: invasão de terras, e envolvimento dos sem-terra e isso aí tudo! Parece uma reprise agora do que existia naquela época.

K.D. – Valmy, tu foste espectadora da Universidade?

V.V. – Fui. Assídua! [riso]

K.D. – Na tua opinião, como é que foi a competição?

V.V. – Eu acho que foi assim um evento que, dificilmente aqui no Rio Grande do Sul, nós vamos ver igual. Pode ser que venha a ter, mas eu acho difícil. Foi uma coisa assim *muito, muito, muito* boa. E eu acho que contribuiu *muito* para todos os esportes aqui no Rio Grande do Sul naquela época. Aí depois - como sempre - não tem aquela participação mais efetiva, assim, tudo vai morrendo. Mas na época foi, assim, uma coisa que todo mundo queria praticar esporte; todo mundo queria porque que viram astros do esporte. Então, em diversas modalidades esportivas, os melhores que tinham e ficou uma coisa muito

⁵² João Belchior Marques Goulart.

⁵³ Ministro dos Negócios da Educação e Cultura, Sr. Paulo de Tarso.

sensacional. Eu procurei assistir no máximo possível de todos, quer dizer, voleibol nem se fala, não é. Não perdia nenhuma! [riso] Mas todos eles foram... Deu para assistir muita coisa!

K.D. – Júlio?

J.V. – Um aspecto pitoresco da Universíade: nós jogamos contra a União Soviética, no Grêmio Náutico União e fizemos uma boa partida. Perdemos, mas foi um jogo até... O primeiro “set” foi vareio, mas os outros muito disputados. No final do jogo, estou saindo, vem uma atleta da União Soviética que era, simplesmente, a recordista *mundial* de lançamento de peso - Tamara Press⁵⁴ - uma mulher, devia ter um metro e noventa, de cento e poucos quilos. Ela chamou um intérprete russo que tinha l, e me cumprimentou dizendo que ficou admirada com o nosso jogo, com a nossa defesa. E ela era conhecidíssima, era a recordista *mundial*, não universitária, a recordista *mundial*...

V.V. – E olímpica!

J.V. - E olímpica de arremesso de peso.

V.V. – Mas agora diz porque ela foi te cumprimentar...

J.V. – Bom, porque...

V.V. – Porque tu fizesse duas jogadas *sensacionais!*

J.V. – Isso aí é...

V.V. – Com a altura dele, ele entrou para jogar contra os russos e a primeira bola que sobrou - era a terceira e ele tinha que passar para o outro lado - ele subiu e bateu. Mas ele baixinho perto daqueles russos altos... Os russos ficaram parados, assim, achando que ele não ia cortar! E a bola caiu. Aí depois, sobrou outra boa. Mas aí era de segunda, para ele levantar, mas a bola veio tão boa que ele não houve dúvida: subiu e bateu de novo. O

União veio abaixo, não é. E aí quando terminou o jogo, a Tamara Press foi lá, queria cumprimentar um baixinho que conseguiu cortar duas bolas no chão. [riso] Daí que...

M.V. – O problema não foi só o cumprimento, foi o abraço que ela deu nele. [riso]
Aí ele não cresceu mesmo! [riso]

K.D. – Marco Antônio tu queres dar as tuas impressões sobre a Universíade, como espectador?

M.V. – É, eu só como espectador na Universíade. Assisti, praticamente, a parte só do voleibol; me lembro que assisti outros esportes, mas não me lembro, exatamente, quais. Porque, inclusive, para entrar existia um problema. Tu não conseguias chegar num local, comprar entrada na hora e entrar. Então, inclusive, para gente poder ir assistir era difícil. Como a gente já estava preparado para o voleibol, a gente ia assistir, já tinha tudo acertado.

V.V. – Providenciado.

M.V. – Agora, para outros esportes, não. Inclusive, o Júlio disse que não teve esporte e coisa... Mas normalmente nessas competições internacionais, o atleta só pode assistir seu esporte e o atletismo. Porque o atletismo normalmente é em um estádio muito grande, então comporta. E assim mesmo tem um local reservado, não muito grande. Se todo mundo for assistir, não tem lugar para todos os atletas. Encheu aquilo ali não entra mais. Porque tem... O que a gente dá... Tem que vender, os locais tem que vender as entradas. Tem que ter um retorno financeiro de todo o investimento. E o investimento nesses esportes aí não é um milhão, dois milhões. É bilhões! Existe retorno? Os caras mostraram nesse congresso que teve no Rio, que tem retorno. A Austrália foi que melhor se deu nisso tudo: até hoje está tendo retorno sobre... Então existe esse problema do atleta assistir - quem participa diretamente - outros esportes. Muito difícil! Porque fica envolvido o tempo todo dentro do seu esporte. E outra coisa que a gente imagina: jogou lá, jogou em outro lugar, em outro país, conhece um monte, o mundo inteiro! Não conhece. Ele vai, vai para o hotel, local de jogo, treinamento e, talvez, um dia ele dá uma saidinha lá, com o grupo todo junto... Não existe aquilo de conhecer, de poder fazer turismo, não existe turismo! Então...

⁵⁴ Atleta russa que foi recordista mundial no lançamento de peso nos anos de 60, 61, 63 e 65.

muita gente até tem a ilusão: “conhece todo o mundo”. Não conhece. *Esteve em todo mundo!* Mas não conhece todo mundo. É muito diferente. Não é fácil o atleta chegar e dizer assim: bacana, o cara vai lá e viaja, não é bem assim! O cara viaja...

J.V. – Com envolvimento muito... [ouve-se ao fundo]

M.V. - Tem alguma coisa, conhece? Lógico, tem um dia ou outro que tu pode sair, mas conhece a mínima coisa de um país. Conhecer costumes, tudo o mais, não chega, não dá tempo.

K.D. - E quando tu foste para Olimpíada, o que tu tens para nos contar?

M.V. – Bom, primeiro foi uma diferença de doze horas de fuso horário. Aquela... Quando nós fomos pelo, como é que eu vou dizer, os aspectos pitorescos da história: nós que saímos, pernoitamos em Paris. Nós chegamos, eu acho que era umas seis horas da tarde, cinco horas, por aí, no hotel. Aí, a chefia do Comitê Olímpico Brasileiro liberou os caras para conhecer Paris, tudo, até tal hora, menos o voleibol. Tinha um jogo programado. Então quando nós chegamos, os outros foram se divertir, o voleibol foi jogar contra a seleção francesa. [riso]. Isso aí são os aspectos... Então, voltamos para o hotel de noite, olha, essa hora também, não podia estar saindo, quer dizer, nós íamos para uma Olimpíada... E aí existe um deslumbramento porque é a primeira participação em uma Olimpíada. Tu vês gente de tudo que é tipo e forma. Tu vês atleta de... Eu tive a oportunidade de passar do lado do campeão mundial de judô, que é o Antonius Geesink⁵⁵. O cara não passa naquela porta ali. Uma muralha. Tu olhas ele nem... Parece um Zé... Qualquer um, não tem nada, não existe aquilo assim: “eu sou o fulano”. Tem atletas que até podem ser meio exibidos, mas o bom, normalmente não tem isso. Porque aquilo, há quanto tempo que faz? Não sei nem se sabia que existia esse Antonius Geesink na vida. Então existe esses problemas que os caras... É no momento, então ocorre. Aí tem, por exemplo, um corredor de maratona, tu vês aquele cara magrinho. Aí tu vês os caras halterofilistas, tudo isso numa comunidade, que tá dentro de uma Vila Olímpica; aí tu ouves japonês, alemão... Uma babel! [riso]

⁵⁵ Antonius Johannes Geesink. Campeão mundial de judô, ganhou uma medalha de ouro nesta Olimpíada.

K.D. – Em que equipe tu jogavas aqui no Brasil quando tu foste convocado para Seleção?

M.V. – Para aquela Olimpíada eu estava no Botafogo, no Rio de Janeiro. Estava em estágio, no Botafogo. Então, depois, entrei em 64 no Botafogo, mas só pude participar, jogar pelo Botafogo, em 65. Então praticamente aquele ano a única coisa que eu disputei foi a Olimpíada. Brasileiro que teve, que deu aquele problema de 64, eu não participei lá, mas... Só que, conforme a hora, era todo mundo indo para sua casa porque era a Polícia Militar, tudo mais, fazendo as barricadas e controlando, revistando e não era com carinho, não é. Pegava, encostava o cara: qualquer reação tu eras... Então passou. Teve uma época ali que foi meio brabo. Mas não houve nada demais.

K.D. – Como é que era o apoio da família, de três atletas da família?

M.V. – Bom, aí, volta e meia eu telefonava ou mandava uma carta: “olha, eu estou precisando de dinheiro”. [risos] Sim, porque a gente ia para lá...

J.V. – O melhor era quando a gente jogava contra...

M.V. – Bom, tem esses detalhes... Porque muito pouco tempo nós jogamos nas mesmas equipes. Geralmente nós jogávamos em equipes opostas. Aí ele inventava que o juiz roubava; sempre perdia. [risos]

K.D. – O que tu queres contar, Júlio? [risos]

J.V. – Não, eu jogava até pela Seleção; eu jogava em 66 em Belo Horizonte, ele jogava na Seleção...

V.V. - Na Guanabara...

J.V. – Naquele tempo era o estado da Guanabara, não existia o Rio de Janeiro e eu na Seleção Gaúcha, mas depois...

M.V. - Federação Metropolitana de Voleibol, era...

J.V. - Mas começou, a primeira partida de voleibol que eu joguei, o Torneio Início Juvenil, foi contra Navegantes-São João, contra o time dele. Então, jogamos muitas vezes, geralmente contra. Eu acho que joguei mais contra do que junto.

M.V. – Mais o tempo que nós participamos jogando juntos foi quando nós estávamos na Seleção Gaúcha ou coisa assim, jogando. O resto era, normalmente, era contra.

K.D. – E o apoio para ti, Valmy?

V.V. – Sempre foi bom, o apoio. Só que eles tinham que cuidar muito de mim, não é? [risos] Quando nós saíamos de casa, meu pai dizia assim: “Vocês tomem conta dela!” Italiano, não é? “Tomem conta dela!” [riso]

M.V. – Não, o maior problema das duas era que nós jogávamos um contra o outro. Como é que elas iam torcer? E geralmente um time era campeão e outro vice. [riso] E tinham os conflitos. [riso] Quem é que... Para quem torce? Torce para um ou torce para outro? Aí dava... Nem sei para quem, se elas torciam para um ou para outro.

V.V. – A gente ia assistir, então, ganhasse, quem ganhasse...

M.V. - Mas daí...

V.V. - Como é que a gente ia torcer, não é?

M.V. – É que naquela época ainda tinha uma torcida, um público muito bom, que vinha assistir. Teve campeonatos que enchia o União nos jogos. Era bom, era gostoso, jogar em uma partida de voleibol, em uma decisão, principalmente, porque tinha público e a gente... Aquilo era uma recompensa da gente; é que tinha público, parecia reconhecido.

K.D. – O público pagava para assistir os jogos?

M.V. – Devia pagar alguma coisa...

V.V. – Eu acho que não...

M.V. - Mas se paga era pouca coisa...

M.V. - Não havia um maior lucro, assim...

J.V. – O interesse maior dos clubes era ter assistência, desculpa...

K.D. – Pode falar, Júlio.

J.V. – O interesse maior era assistência, da Federação, dos clubes, era que houvesse fluxo de público. Não a questão de pagamento e coisa, também não tinham despesas para pagar atletas, então, o negócio era: quanto mais divulgado fosse, melhor.

V.V. – E o nosso era sempre o adversário do União, do feminino, sempre a SOGIPA. Sempre foi a luta, sempre SOGIPA. Um era o campeão o outro era vice, sempre. Todos os anos era a mesma coisa. Porque as outras equipes que tinha eram bem mais fracas, não é? Então a disputa sempre era...

M.V. – Só para vocês terem uma idéia, como o registro... Eu participei da Seleção Brasileira de 1962, até 1968. Nesse período todo nunca participei de um jogo de seleção em Porto Alegre ou no Rio Grande do Sul. De 62 a 68 não houve uma competição a nível internacional no Rio Grande do Sul. Ou *nem* amistoso nem nada. Não houve jogos! No Rio Grande do Sul, de voleibol a nível...

J.V. - De seleção.

M.V. - Internacional. Nem amistoso nem oficial. Por isso que até se comentou: a Universíade foi a última coisa que a nível...

V.V. - Que ano que teve o Sul-Americano de voleibol?

M.V. – 58.

V.V. - 58, não é? [Marco e Valmy murmuram algo]

M.V. – 58. Foi quando eu comecei, estava com... Nem sei se eu já estava jogando, acho que sim. Mas...

V.V. – Mas eu acho que depois daquilo ali não teve mais nada mesmo, a Universiade e foi só.

M.V. – Acho que foi isso. Que eu me lembre, assim.

K.D. – Bom, mais alguma observação?

V.V. – Não, eu acho que já foram bastante observações, não é? [risos] Só se vocês têm alguma questão específica aí a saber...

M.V. – Mais um pouco talvez falte fita. [risos]

K.D. – Então eu...

J.V. – Começar a conversar, perguntar coisas nós vamos conversando até...

M.V. – Assim a gente não... Conversando a gente começa a se lembrar de fatos. Tem coisas que...

J.V. – Não, até se está terminando, coisa... A gente pode fazer assim: se colocar à disposição, se vocês quiserem algum detalhe, alguma questão posterior... Que é como diz aquele troço, vamos dizer assim, a gente tem a memória...

M.V. – Existem fatos...

J.V. - Do vôlei, pelo menos nesse período, tu vêes que... Começou em 59 coisa e tal, e a gente, mesmo depois de parar de jogar, a gente já tem acompanhado muito o vôlei; o vôlei a gente acompanha. Tanto é que vocês viram, a gente conhece a maioria das pessoas

ligadas ao vôlei. Os próprios times que tem aqui, que jogam... A gente conhece os treinadores, os preparadores, tudo isso... E a gente vai ver os jogos, não só pela televisão, quando têm jogos aqui. Até na ULBRA, coisa... Eu vou seguidamente ali em Canoas, na ULBRA, para assistir jogo quando tem. Quando é na SOGIPA ou no União, então muito mais.

V.V. – Mas no feminino a gente tem os campeonatos brasileiros que a gente faz, ainda e todos anos. Tem um campeonato: o “master”. Então, a gente revê todo aquele pessoal que jogava na época em que a gente jogou, assim mesmo, jogo para valer... [riso] Se campeonatos... Mas quase todos são os mesmos! Então a gente ainda se encontra. É tão bom! A gente revê o pessoal... Agora lá em Minas, eles tão fazendo também uns campeonatos, começaram o ano passado; é só de terceira idade e agora tão fazendo, eu não sei se vocês viram, que em Tramandaí⁵⁶ teve uma reunião agora, quinta, sexta, sábado e Domingo; teve uma reunião porque eles também querem fazer. Ficou muito bacana! Eu participei ano passado e esse ano eles já marcaram a da... Quer dizer, não puseram a data definitiva, mas vai ser entre o Carnaval e a Páscoa; eles querem fazer de novo, o segundo campeonato...

M.V. – Bom, tem uns fatos pitorescos, que a Valmy deve se lembrar: nós voltávamos do Pan-Americano, do Canadá, em 67, e fizemos escala lá no Estados Unidos e nos Estados Unidos, nós estávamos vindo e deu uma pane no avião...

V.V. - Um avião só de atletas.

M.V. - Toda a delegação do...

V.V. - Do Brasil.

M.V. - Do Brasil. Aí tivemos que voltar para Nova Iorque para o aeroporto. Mas chegamos, assim, era ambulância e bombeiro do lado da pista!

V.V. – Se ia olhar pela janela era só o que enxergava...

M.V. – “Será que é para nós?” [risos] Tem esses aspectos que também, tem o lado pitoresco, agora, não é? Porque na hora...

V.V. - Na hora...

M.V. - Tinha gente branca, gente se sentindo mal e, assim, doente. Claro, tu olhas assim tu vês... Daí daqui há pouco...

V.V. - Faz a volta...

M.V. - Faz a volta. Daí os caras: “o que houve, não sei o quê”... “Que nada, houve um problema no rádio”. Aí o cara sai, o rádio...

V.V. – Não, o rádio, só que faz assim, ó, o avião... [riso]

M.V. – Aí o cara abre a porta, está o cara falando no rádio. Nossa, não é bem assim; aí tem gente branca, pálida, de tudo que é jeito. Chega, olha pro aeroporto assim chegando...

[FINAL DO DEPOIMENTO]

⁵⁶ Praia do litoral gaúcho.